

O PROÊMIO DO POEMA DE PLATÉIAS

Nely Maria Pessanha
UFRJ

Nos *Iambi et elegi Graeci ante Alexandrum cantati* (vol.1), de M.L. West, o poema acerca do *proelium plataicum* compreende os fragmentos 10-17 (talvez 18) dos quais somente os fragmentos 15 e 16 não se originam de papiros. Esses dois fragmentos, que compreendem seis versos em metro elegíaco, foram atribuídos a Simônides de Ceos e citados por Plutarco, em *De Herodoti malignitate* 42p.872d (*apud IEG* p.121-122), com a informação de que eles se referem a ações guerreiras dos Coríntios na batalha de Platéias. Tratava-se, até a descoberta do P. Oxy. 3965, da única alusão a uma elegia, da lavra do poeta de Ceos, que tinha como eixo temático a referida batalha.

Convém assinalar que West, ao reconstituir o poema, combina 07 dos 47 fragmentos do papiro Oxy. 3965, acima mencionado, com 05 do P. Oxy. 2327, que fora publicado em 1952 por Lobel, no volume 22 de *The Oxyrrhynchus Papyri*. Esses dois papiros, no fragmento 11W, se apresentam numa relação de complementariedade, visto que os vv. 5-9 do fragm. 6 do P. Oxy. 2327 e do fragm. 1 do P. Oxy. 3965 se cruzam. Assim, o fragmento 11W, o mais longo, resulta da combinação de fragmentos dos dois papiros. Deve-se assinalar que a suplementação de West, para as partes corrompidas dos fragmentos papirológicos, se baseia na narrativa de Heródoto.

Inicia-se a elegia por um proêmio. Ora, não deve ter sido inovação do poeta cantor dos feitos gregos em Platéia um proêmio em elegia de temática extraída da história recente da Grécia Antiga. Pelo menos, sabe-se da existência de um, que lhe é anterior. Trata-se do proêmio da *Esmirneida* de Mímnermo de Cólofon, a que Pausânias 9, 29, 4 (fr.13W) alude:

**Μίμνερμος δὲ ἔλεγεία ἐς τὴν μάχην ποιήσας τὴν Σμυρναίων πρὸς Γύγην
τε καὶ Λυδούς, φησὶν ἐν τῷ προσιμίῳι θυγατέρας Οὐρανοῦ τὰς
ἄρχαιοτέρας Μούσας, τούτων δὲ ἄλλας νεωτέρας εἶναι Διὸς παῖδας.**

[Mímnermo, ao compor a elegia sobre a batalha dos Esmirneus contra Gíges e os Lídios, diz, no proêmio, serem as Musas mais velhas filhas de Urano e as outras, as mais novas, filhas de Zeus].

O proêmio do Poema de Platéias, contudo, não é dedicado a uma divindade, mas a Aquiles, a um mortal, ainda que privilegiado, como se infere do v. 5:

κούρης εἰναλίης ἀγλαόφημε πάι

[ó filho muito célebre da deusa marinha]

Além da invocação ao Pelida, há, ao que tudo indica, referências ou invocações outras a seus ancestrais, a Peleu e a Éaco, como parece indiciar o v. 2 do referido fragmento:

πατήρ προπάτωρ τε [pai e avô].

À invocação do proêmio do *Poema de Platéias* seguem não só a alusão a episódios míticos do ciclo troiano (fragm.11W, 1- 14) e, ainda, à imortalidade dos guerreiros e seus feitos através da poesia (vv.15-18), mas também o epílogo com a fórmula de despedida, à maneira dos hinos homéricos (vv.19-20). Eis o epílogo:

ἀλλὰ σὺ μὲν νῦν χαῖρε, θεᾶς ἐρικυδέος υἱέ

κούρης εἰναλίου Νηρέος·

[mas, agora, adeus, filho da gloriosa deusa,
filha de Nereu marinho]

Este final de proêmio remete, por exemplo, ao v.545 do hino a Apolo:

Καὶ σὺ μὲν οὕτω χαῖρε, Διὸς καὶ Λητοῦς υἱέ·
[Assim então adeus, filho de Zeus e Letona]

ou ao v.579 do hino a Hermes:

Καὶ σὺ μὲν οὕτω χαῖρε, Διὸς καὶ Μαιάδος υἱέ·
[Assim então adeus, filho de Zeus e de Maia].

Evocam também os versos acima citados do fragm.11W a saudação do filho de Peleu, nas lamentações fúnebres, a seu companheiro Pátroclo:

Χαῖρέ μοι, ὦ Πάτροκλε, καὶ εἶν' Ἀίδαο δόμοισι
(*Iliada*, 23,19 e 179)
[Salve, Pátroclo, ainda que na morada de Hades.]

Observa West, em *Simonides Redivivus*, (ZPE, 98, 1993, p.9), que “o hino inicial a Aquiles deu um tom épico à composição e colocou o conflito contra Mardônio num plano heróico. Ele está cheio de linguagem elevada, epítetos homéricos e para-homéricos, e há mesmo um símile épico (fragm. 11,vv.1-3)”. Eis os referidos versos:

σὺ δ' ἤριπες , ὡς ὅτε πεύκην
ἢ πίτυν ἐν βήσσαις οὖρεος οἰοπόλου
ύλοτόμοι τάμνωσι
[tu caíste, como quando os lenhadores
nas gargantas da montanha deserta
cortam o *peúke* e o pinheiro]

Ora, na *Iliada*, freqüentes vezes, compara-se a morte de guerreiros, no meio da refrega, atingidos na garganta ou no peito, à queda de árvores, provocada pela ação de lenhadores. É assim que Ásio é morto por Idomeneu (*Il.*13, 389-391); é assim também que Sarpédon sucumbe nas mãos de Pátroclo (*Il.* 16, 482-484):

ἤριπε δ' ὡς ὅτε τις δρυὶς ἤριπεν ἢ ἀχερωῖς ,
ἢ ἐ πίτυς βλωθρή, τήν τ' οὖρεσι τέκτονες ἄνδρες
ἔξεταμον πελέκεσσι νεήκεσι νήιον εἶναι
(*Il.* 13, 389-391 = *Il.* 16, 482 -484)
[ele caiu como cai um carvalho ou um choupo
ou um alto pinheiro, que os carpinteiros, na montanha,
cortaram, com machados afiados, para tornaram-se quilhas.]

Ainda que, segundo a tradição, Aquiles tenha sido atingido no calcanhar, o símile em Simônides, penso, refere-se à morte de Aquiles, pois, como diz Barchiesi, em *Simonides and Horace on the death of Achilles* (*Arethusa* , 29, 2,1996, p.251), “a queda de Aquiles teve como modelo a de um pinheiro alto, não somente por causa da altura deste, mas também porque seu corpo foi derrubado, em virtude de um golpe na parte inferior do mesmo, como um tronco alto é golpeado quase na raiz pelos lenhadores”. Pode-se conjecturar, penso, ainda que, em certa medida esse símile evoca a queda fatal de guerreiros persas, tais como Mardônio ou Masístio, conforme narra Heródoto. Segundo *Histórias* 9,22, Masístio fora atirado ao chão e morrera golpeado nos olhos, em virtude de ter seu cavalo empinado,

ferido que fora no flanco por uma flecha. Também, como informa *Histórias* 9,62, Mardônio tombou, morto, de seu cavalo branco, quando combatia à frente de mil dentre os mais valentes guerreiros persas.

Ao atribuir a morte de Aquiles somente a Apolo, o poeta de Ceos distancia-se da tradição homérica:

ἄλλ' ὑπ' Ἀπόλλωνος χειρὶ τυπεὶς ἐδάμης

(fragm.11w,v.8)

[mas, golpeado pela mão de Apolo, morreste].

Na *Iliada*, a responsabilidade da morte do Pelida recai sobre Páris, auxiliado por Apolo, conforme mostrado em dois passos bem conhecidos: em 19,416-7, na predição do cavalo Xanto e em 22, 358, nas palavras de Heitor moribundo. Colocação análoga à de Simônides, encontrámo-la em Píndaro, Peã 6,vv. 78-86:

[υυ—υ—] δν ἐμ-
βαλὼν ἰὸν ἔσχε μάχας
Πάριος ἑκαβόλος βροτη-
σίωι δέμαι θεός·
Ἰλίωι δὲ θῆκεν ἄφαρ
ὄψιτέραν ἄλωσιν ,
κυανοπλόκοιο παῖδα ποντίας
Θέτιος βιατάν,
πιστὸν ἔρκος Ἀχαι-
ῶν , θρασεῖ φόνωι πεδάσαις

[lançando a flecha sobre ele, o deus que fere ao longe, sob a forma humana de Páris, entrou no combate; de chofre, retardou a tomada de Ílion, ao derrubar, pelo homicídio audacioso, o filho violento da deusa marinha de cabelereira azul-escuro, Tétis, sólida muralha dos Aqueus.]

Remete, ainda, o v. 6 do fragm. 11W - καὶ μετὰ Πατρόκλου σ' ἄγγει κρύψαν ἐνί [e com Pátroclo te colocaram numa única urna] - ao texto homérico, à *Odisséia* 24, 76-77, no episódio em que, no Hades, se encontram frente a frente as almas de Aquiles e Agamêmnon. Este, ao relembrar a morte do semi-deus e seus funerais (vv.36-97), lhe diz que seus ossos brancos foram depositados numa ânfora dourada, obra de Hefestos, juntamente com os de Pátroclo.

No entanto, apesar de todas as ressonâncias do texto homérico que ecoam na elegia simonídea, afasta-se ela do modelo épico, ao invocar a Aquiles, um semi-deus, mas um mortal, e ao suplicar à Musa que seja *epikouros*, “auxiliar” (fragm.11W,v.21) de seu mister.

Ora, ainda no proêmio, quando da alusão ao retorno dos Dânaos à patria (fragm. 11W,vv.13-14), é feita referência ao renome imorredouro que, graças a ação de Homero, eles obtiveram (vv. 15 -18):

οἷσί ἐπ' ἀθάνατον κέχυται κλέος ἀνδρῶ ἐκητι
ὅς παρ' ἰοπλοκάμων δέξατο Πιερίδων
πᾶσαν ἀληθείην , καὶ ἐπώνυμον ὀπλοτέροισιν
ποίησ' ἡμιθέων ὠκύμορον γενεήν.

[sobre os quais renome imortal se derramou, graças a um homem que das Piérides de belas tranças recebeu toda a verdade e tornou famosa para os vindouros

a raça imortal dos semi-deuses.]

Pertence o aedo da *Iliada* à plêiade de poetas inspirados, possuidores da palavra poética mágico-religiosa e, por isso mesmo, conhecedor de toda a verdade. Graças à dádiva das Piérides, a narrativa de Homero acerca de um tempo remoto, acerca de um evento que não testemunhara, tem a autoridade de verdade transcendente, é um canto divino e, por isso, garantia para os heróis de glória perene. Não é esse o caso de Simônides. Não sendo um iniciado no amável dom das Musas, não poderia pedir-lhes, à maneira homérica ou hesiódica, que o tornasse porta-voz de seus cantares. Por isso pede à Musa que seja sua *epíkouros* (fragm.11W, vv. 20-21):

..... αὐτὰρ ἐγὼ
κικλήισκω σ' ἐπίκουρον ἐμοί, πολυώνυμε Μοῦσα,
[..... eu te nomeio
minha auxiliar, Musa de múltiplos epítetos,]

Epíkouros é um vocábulo corrente na linguagem militar, freqüentes vezes usado por Homero, na acepção de “aliado, auxiliar militar”, como, por exemplo, no canto III, v.456:

κεκλυτέ μευ, Τρῶες καὶ Δάρδανοι ἠδ' ἐπίκουροι·
[ouvi-me, Troianos e Dardânios e aliados].

Encontramos o mencionado termo em Arquíloco, fragm.15W, com o sentido de auxiliar militar mercenário:

Γλαῦκ', ἐπίκουρος ἀνὴρ τόσσον φίλος ἔσκε μάχεται
[Glauco, um mercenário só é amigo, enquanto combate].

Ora a Musa será aliada do poeta para auxiliá-lo a ordenar, de maneira harmoniosa, a celebração de um acontecimento recente, a que ele presenciara. Sua tarefa é, pois, nova. Será ela a auxiliar do poeta de Ceos na missão de preservar para todo o sempre a memória daqueles que bravamente combateram, em Platéias, pela liberdade da Grécia. E, ao eleger Aquiles como modelo arquetípico de herói para os combatentes de Platéias, Simônides reconhece-lhes a *areté* em grau superlativo e alça-os ao nível daquele que possui renome imorredouro.